



João Paim Vieira

Por onde entra a covid

Eu julgava que a covid entrava pelas creches com muitas crianças, pelos casamentos com mais do que os noivos, pelos funerais com mais que o morto, pelo Santo Cristo que todos os anos nos tirava do sério e nos fazia pensar no que há mais, pelas escolas fechadas por causa de uma criança, pelos batizados e muitas outras coisas que fazem parte, mais ou menos, do nosso quotidiano e por isso foram sucessivamente abertas, fechadas, abertas, fechadas até nos habituarmos a não esperar por elas.

Mas não, a covid da Autonomia entra pela economia e os dois exemplos vivos de economia fundamental são uma casa de nem sei bem que lhes chamar, porque já não é politicamente correto chamar-lhes seja o que for, e entra duas vezes pelo mesmo restaurante, o que além do mais que tudo é de imbecis chapados.

É a economia, estúpido – como dizia aquele guru das finanças.

O resto vai a reboque e as pessoas que se lixem.

Eu não posso ter mais de dez pessoas no meu funeral, mas por lá passaram parece 300 pessoas em muitas noites de diversão totalmente descontrolada? E quem pagou a fatura? Nós todos.

Mas enfim, vocês votaram por eles, é verdade que votaram poucos, nem sequer foram lá votar metade de todos, e menos de um quinto votou em nós (e nesses todos juntinhos), mas agora é bem feito. Nós vamos embora e fiquem com eles, por muitos e bons anos, até se cansarem ou nós conseguirmos que eles se desentendam.

E, vá lá, que pelo menos os velhos não estão seguindo o mau exemplo dos do Lar do Nordeste, que estragaram o bom trabalho do Chefe da Saúde, do delegado local e dos restantes, que em vez de terem um inquérito até parece que foram louvados, o que poderá ter como resultado alguém de um lar noutra ilha resolver que também quer um louvor.

Hoje, no continente, foram 273? Mas não faz mal. Regozijem-se porque 80% tinham mais de oitenta anos, não estavam cá a fazer nada, já ninguém se lembrava sequer que eles lá estavam ou existiam, até há muitos corpos que nem são levantados.

E por alguma razão muitos dos nossos lares se chamam Misericórdias (o chamado golpe de Misericórdia) ou têm nomes engraçados como “O paraíso da terceira idade”.

Mas enquanto nos Açores só tivemos um golpe de misericórdia a aguardar ainda investigação, no continente PS são aos milhares os mortos e a taxa de mortalidade nos lares (declarada imagine-se a verdadeira) já é de 28%.

E o mais novo golpe de Misericórdia é nas vacinas. Mesmo não esquecendo o muito de bom que as Misericórdias fizeram ao longo de centenas de anos, este é realmente o esticar da corda da nossa paciência com aquelas e outras “Instituições”.

E o nosso belo Parlamento, aquela Assembleia da República exemplar, aquele conjunto de acessórios indispensáveis à democracia deles, enquanto isso, discute e aprova com entusiasmo a eutanásia !!!

Não é precisa para nada, a maioria dos interessados eventuais já foram, só se fosse para uso próprio, voluntário e generalizado lá dentro.

E, claro, escolhe os vacinados e manda reservar as segundas doses que, se é verdade que não vão faltar vacinas, poderiam ir servindo para vacinar o dobro.

Será que a segunda dose tem de ser da mesma garrafinha?

Estes nem precisam de fazer como aqueles que convocam alguns de mais de 80 anos por SMS, que claro não vêm (e porque não as redes sociais o convite no Facebook ou no Instagrama?? aí eles vinham todos). E depois, para não se perderem as vacinas (que claro restam!!!), vacinam qualquer um que esteja ao alcance da mão quase sempre parentes, colegas, amigos e co-

nhecidos, que por pura coincidência e curiosidade pelo processo se encontravam lá, providencialmente para ajudarem a salvar vacinas antes que aquecessem.

Mas, enfim, até não somos dos piores e se houvesse vacinas em número suficiente e se utilizassem os serviços daqueles que sempre o fizeram bem com a gripe, privados, farmácias e todos os habilitados, como em Israel não estaríamos a olhar para 2 anos até vacinar a maioria da população.

E sempre com aquele complexo PSiano da pseudogualdade desigual, que acha mal não Ana Gomes comprar a vacina, mas sim dizer que a comprou, que tenta controlar tudo e todos.

Mas longe de pensar que a culpa é só dos dirigentes dos Lares, Misericórdias ou não.

Quem se preparou, aguentou e salvou os seus utentes, os outros morreram aos milhares.

Quem tinha a obrigação de os proteger era o Governo PS, que teve vários meses para se preparar em vez de andar a alardear que éramos os melhores do mundo.

Que podia e devia ter fechado os lares legais e ilegais? Verificando todas as entradas dos funcionários, afastando os que não se ajustassem ao modelo que era necessário, implementando visitas apenas digitais e o controle de tudo que entrasse.

Cedeu ao populismo e em vez de obrigar o seu caça votos Segurança Social a intervir preventivamente deixou os incompetentes e impreparados à frente do que se iria transformar numa tragédia nacional indesculpável.

E agora já não há dúvidas. Quem se mete com o PS LEVA, como dizia um dos seus maiores (não posso adjectivar o que me veio) mas sim, LEVA os pais e avós para o crematório e LEVA as urnas de cinzas para casa ou, com azar, espera dias ao lado de um contentor e LEVA depois para o cemitério sem sequer os ver muitos nem isso tiveram por isso, SIM, quem se mete com o PS, LEVA.

E, neste caso, é pior ainda, mesmo quem não se meteu com o PS também LEVA pela medida grande.

A realidade é que a sociedade do 25 de Abril é uma sociedade disfuncional, que trata muitas vezes os velhos como lixo descartável à mistura com muita hipocrisia e muitas afirmações de preocupação e complementos disto e daquilo, 3 ou 5 euros a mais em pensões de miséria.

E é uma sociedade disfuncional porque valoriza e facilita mais estilos de vida de consumo desenfreado, desperdício e egoísmo, de circulação permanente e respectivos impactos que nos deixou nesta situação miserável. Ao mesmo tempo, porque lhe convém, permite esquemas de pagamentos e de trocas de bens “oferecidos” aos Lares e Misericórdias em troca de uma velhice longa e feliz que foi curta e nada feliz para muitos. Todos os mortos por covid nos Lares deveriam ao menos ver, do Paraíso onde espero que estejam, a Justiça a retirar esses bens e entregá-los de volta aos familiares, se existirem, ou a entidades que os mereçam.

Finalmente, a proibição dos Portugueses saírem do país, tipo USSR do Estaline ou os amigos de hoje Cuba, Coreia assassina do Norte ou genocida Venezuela, apenas para dar uns exemplos de amigos do peito que o fazem.

Se a Constituição permite isto, então é porque não presta para nada, como diz o rapaz do Chega, mas duvido que permita.

Bastaria dizer que quem sai não volta tão cedo e não conte com voos de repatriamento a 800 euros ou coisas parecidas.

Mas proibir? Fazemos um murinho Trumpiano com Espanha?

Claro que, felizmente, a situação nos Açores é bastante melhor do que lá fora. Até porque o desmantelamento da sociedade tradicional que cuidava dos seus velhos tem sido mais lento.

E tanto o governo anterior como este conseguiram aproveitar as características favoráveis das nossas ilhas, para nos manter em segurança.

Desde que agora não entrem em triunfalismos vacinais ou eleitoralistas e menos ainda no tenebroso passaporte verde da CE que ainda acentua a discriminação a quem não é vacinado e vai vendo a serem vacinados polícias e ladrões.

Aliás, o PS do continente bem podia ter aproveitado o Chefe da Saúde do Governo de cá para ficar a tratar do desastre de lá.

E claro que a dimensão do problema na pandemia nos Açores foi, e será sempre, proporcional à população e ao “desenvolvimento” de cada ilha.

Esperemos que este novo governo, seja longo ou curto, consiga imaginar uns Açores diferentes e melhores do que os que estavam sendo instalados, e não esqueça que o desejo de mudança foi o que a permitiu.

Uns Açores em que as actividades económicas podem precisar de um impulso no início, mas não podem esperar que todos os anos haja verbas inscritas no Orçamento de todos nós para sustentar e aguentar o que não se sustenta sozinho.

Uns Açores com a saúde de que todos precisamos e não com a tal saúde de castas, como dizia o IL, e que ainda está a ser incrementada aproveitando a pandemia.

Uns Açores em que os bens naturais são em primeiro lugar e sem limites, horários ou esquemas para utilização, dos Açorianos e residentes de boa vontade, em segundo para viabilizar e melhorar a vida dos que fazem a sua vida de trabalho neles e finalmente para quem vem de fora com limites adequados e participação efectiva nos custos que provocam.

Veremos se é possível discutir tudo isso em conjunto, ou se ficamos como sempre pelos grupinhos de pressão que já se perfilam em bicos de pés para o forrobodó gigante dos Pseudo fundos comunitários, que se avizinha na sequência do forrobodó das moratórias que quase pode atingir com 21 mil milhões de euros o golpe corrupto dos Bancos, que estupidamente andamos a pagar há muitos anos.

E que tudo indica que vá chegar largamente a quem não precisa e como de costume tocar levemente os pobres e os desprotegidos da sorte e da UE.

E nos Açores pode ser igual. O cidadão normal não esteve representado nem deu a sua opinião, foram os representantes dos interesses corporativos, de classe e de grupos de pressão e interesse e em muitos casos os próprios que vão receber boa parte dos dinheiros.

E pior ainda é suposto termos que agradecer a imbecilidade, chamada “bazuca”, e tentar imaginar o que será a recuperação “ecológica” e “digital”, chavões vazios que apenas ocultam que o dinheiro de todos vai acabar, mais uma vez, nas mãos de quem tem muitas “renováveis”, muitos computadores de pseudo investigação, muitos foguetões a rebentar no ar e nos nossos muitas vacas, muitos hotéis e locais sem trabalhadores, muitas vinhas protegidas e muitas outras coisas subsidiadas todos os anos ad eternum. Enfim, os do costume, dos esquemas que estamos proibidos de chamar corrupção, mas se assemelham estranhamente a isso.

E, correndo o risco de vos entediar ainda mais, vou só dar um exemplo do “Plano dos milhões Açoriano”. Saiu nos jornais e não foi desmentido, 60 milhões para construir 179 habitações 335.196 euros??? Cada uma. Deve ser engano e serão 600 de 100.000 euros, como precisamos e não a segunda versão dos custos controlados, que acabaram nas mãos da classe média e funcionários do Governo revendidas com lucro passados alguns anos ou do loteamento das Sete Cidades, betão cinzento como o cérebro de quem, no Governo da altura, se lembrou daquilo e que deram casas de férias baratas aos pobrezinhos, que já não existem nos Açores.